

***DAS UNHEIMLICHE OU O INFAMILIAR (1919), DE SIGMUND FREUD E O
APRENDIZADO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA POR ADULTOS: O ESPANHOL
ENQUANTO SEGUNDA LÍNGUA***

*DE LAS UNHEIMLICHE O EL INFAMILIAR (1919), DE SIGMUNDO FREUD Y EL
APRENDIZAJE DE LENGUA EXTRANJERA POR ADULTOS: EL ESPAÑOL COMO
SEGUNDA LENGUA*

Edemilson Antônio Brambilla¹

Gisele Benck de Moraes²

Resumo: Este estudo possui como objetivo compreender a sensação de infamiliaridade inerente ao aprendizado do Espanhol enquanto uma segunda língua por indivíduos adultos. Ainda que guarde consideráveis semelhanças com o léxico do português brasileiro, a língua espanhola apresenta diferentes sentidos, mas comuns aos falantes de tal idioma, e que são estranhas ao falante estrangeiro, especialmente aqueles que, já adultos, se voltam ao aprendizado do Espanhol enquanto segunda língua. Para tanto, nossa base teórica está fundamentada no ensaio *Das Unheimliche*, ou *O infamiliar* (1919), de Sigmund Freud, uma vez que as contribuições postuladas pelo autor no referido texto podem lançar luz às pesquisas acerca do ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira, em especial, como é o intuito deste trabalho, na aquisição da língua espanhola por adultos, tendo em vista que, em comparação com falantes de Português enquanto língua materna, a língua espanhola propicia a relação direta desse indivíduo com os falsos cognatos presentes nesta segunda língua, e esse contato feito pelo aprendiz da língua estrangeira parece ser um representante claro da sensação de infamiliaridade e estranhamento defendida por Freud em seu texto.

Palavras-chave: O infamiliar. Estranhamento. Sigmund Freud. Espanhol. Segunda Língua.

Resumen: Este estudio tiene como objetivo comprender la sensación de infamiliaridad inherente al aprendizaje del Español como segunda lengua de personas adultas. Aunque existan considerables semejanzas con el léxico del portugués brasileño, la lengua española presenta diferentes sentidos, pero comunes a los hablantes de ese idioma, y que son extrañas a los hablantes extranjeros, especialmente aquellos que, ya adultos, vuelven a su aprendizaje de Español como segunda lengua. Así, nuestra base teórica está fundamentada en el ensayo *De las Unheimliche*, o *El infamiliar* (1919), de Sigmundo Freud, ya que las contribuciones postuladas por el autor en el dicho texto pueden lanzar luz a las investigaciones sobre la enseñanza y aprendizaje de una lengua extranjera, de modo especial, como es el intuito de este trabajo, en la adquisición de la lengua española por adultos, de modo que, en comparación con hablantes de Portugués en cuanto lengua materna, la lengua española proporciona la relación directa del individuo con los falsos cognatos presentes en esta segunda lengua, y ese contacto hecho por el aprendiz de la lengua extranjera parece ser un representante claro de la sensación de infamiliaridad y extrañamiento defendida por Freud en su texto.

Palabras clave: El infamiliar. Extrañamiento. Sigmund Freud. Español. Segunda Lengua.

Introdução

A experiência na qual submetem-se os sujeitos que passam pelo aprendizado de uma nova língua pode comportar, de um lado, certo encantamento, arrebatamento e adesão à essa segunda língua, e por outro, também pode desvelar uma espécie de rejeição, de expulsão, de interdição, e de afastamento do indivíduo com relação a esse processo de aprendizagem. De

¹ Doutorando em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo (PPGL/UPF). Mestre em Letras pela mesma instituição.

² Doutora em Letras. Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras e do Curso de Letras da Universidade de Passo Fundo.

qualquer modo, o processo de identificação e assimilação nos quais esse sujeito está exposto denota um importante espaço de construção da sua própria subjetividade, que se encontra presente nesse contato, mesmo que seja com aquilo que lhe é infamiliar e inquietante, da ordem do desconhecido.

O estranhamento ou a inquietude vivenciada pelo sujeito que se desloca do aprendizado da língua materna na direção da aquisição de uma segunda língua tem se mostrado um tema cada vez mais debatido em meio aos pesquisadores das mais diversas áreas do saber, em especial àqueles vinculados à linguística, à linguística aplicada e à literatura. A complexidade envolvida em tais discussões parece fomentar ainda mais a busca por explicações sobre os processos de aprendizagem inerentes aos indivíduos nessas condições. Se os estudos acerca do tema são múltiplos e variados (VILLALBA, 2002; BOÉSSIO, 2003; COSTA, 2004; MORAES, 2014; DUTRA 2015), suas abordagens parecem estar longe de se tornarem fastidiosas ou conclusivas, e isso se deve, em grande medida, à condição encontrada por aquele sujeito que se percebe exposto nesse espaço de transição entre uma materialidade linguística já conhecida e outra (aparentemente) nova.

Este trabalho, de um modo mais específico, se insere nessa longa tradição teórica que busca compreender e descrever os fenômenos linguísticos presentes no contato do indivíduo com uma língua estrangeira. Por isso, o objetivo do presente estudo é compreender a sensação de infamiliaridade inerente ao aprendizado do Espanhol enquanto uma segunda língua por indivíduos adultos³. Ainda que guarde consideráveis semelhanças com as estruturas linguísticas do português brasileiro, a língua espanhola apresenta significativas particularidades, próprias aos falantes de tal idioma, e que são estranhas ao falante estrangeiro, especialmente aqueles que, já adultos, se voltam ao aprendizado do Espanhol enquanto segunda língua.

Para tanto, tomamos como nossa base teórica fundamental o ensaio *Das Unheimliche*, ou *O infamiliar* (1919), de Sigmund Freud, com o intuito de perceber como as contribuições postuladas pelo autor no referido texto podem lançar luz às pesquisas acerca do ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira, em especial na aquisição⁴ da língua espanhola por adultos. Além disso, nos auxiliarão nessa discussão textos de debatedores freudianos como Soares (2019) e De Nardi (2008; 2009). Ambos tecem considerações significativas acerca do

³ Neste estudo tratamos de aprendizagem de léxico por adultos, pois as crianças utilizam outros tipos de conhecimento para a aprendizagem, como por exemplo, o conhecimento implícito. Nosso foco, portanto, é a atenção direta ao léxico, conhecimento explícito. (DEKEYSER, 2003).

⁴ Aprendizagem e aquisição serão tratadas como sinônimos neste estudo.

que fora postulado por Freud em seu texto, e elucidam de maneira bastante didática os conceitos depreendidos e suas possibilidades interpretativas. Como fundamentação teórica relacionada à aquisição de segunda língua⁵ (doravante L2) apregoam-se alguns autores como Vygotsky (2005), Kraviski e Bergmann (2006) e Motta-Roth (2011).

No que diz respeito à abordagem que embasa a construção da presente pesquisa, o estudo carrega algumas características quanto a sua tipologia, já que trata-se de uma pesquisa de Natureza Básica, mas com características Aplicada, uma vez que busca “produzir conhecimentos para aplicação prática dirigidos à solução de problemas específicos” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 126); Exploratória quanto a seu Objetivo, pois “visa a proporcionar maior familiaridade com o problema, tornando-o explícito ou construindo hipóteses sobre ele” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 127); Bibliográfica quanto a seu Procedimento técnico, já que, de acordo com Gil (2008), utiliza tanto materiais já publicados, quanto materiais que ainda não receberam tratamento analítico; e, Qualitativa quanto a sua forma de Abordagem, tendo em vista que “o ambiente natural é fonte direta para coleta de dados, interpretação de fenômenos e atribuição de significados” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 128).

Nas seções subsequentes, portanto, versaremos sobre o conceito freudiano de *Unheimliche*, e sua possibilidade de interpretação e aplicação dentro dos estudos linguísticos e literários. Em seguida, teceremos considerações acerca do processo de aquisição de uma língua estrangeira à luz de seus elementos culturais e psicolinguísticos. E, por fim, traçaremos um paralelo entre o processo descrito por Freud e o aprendizado do Espanhol enquanto segunda língua por indivíduos adultos, atentando especialmente para essa noção de infamiliaridade presente na relação desses sujeitos no contato direto com a nova língua estrangeira. Para nos adequarmos aos limites que o presente trabalho nos impõe, analisaremos especialmente a noção de infamiliaridade que ocorre quando o aprendiz da língua espanhola experiencia quando se depara com a ocorrência dos falsos cognatos, uma vez que tais fenômenos evidenciam diretamente a complexidade da aquisição do novo idioma em comparação com a língua materna. Tal fenômeno guarda importantes semelhanças com as características apontadas pelo texto freudiano.

Das Unheimliche ou O Infamiliar: um percurso psíquico e linguístico

⁵ Língua estrangeira e segunda língua são sinônimos neste estudo.

Publicado originalmente em 1919, o ensaio *Das Unheimliche* vinha sendo pensado por Sigmund Freud, pelo menos, desde 1913, mesmo período em que trabalhava em um de seus principais textos, *Além do princípio de prazer*, publicado em 1920. Essa semelhança cronológica faz com que os dois textos guardem importantes correspondências, ainda que o segundo seja, em meio às obras do autor, mais importante e significativo do que o primeiro. Apesar da inegável relevância de *Além do princípio de prazer*, é também preciso que se reconheça a importante contribuição do texto *Das Unheimliche* para a construção da teoria psicanalítica. Sua influência é tamanha que o ensaio passa a dialogar também com outras áreas do saber, a exemplo dos Estudos Literários e Linguísticos. De acordo com Soares (2019, p. 03):

[...] algumas noções e conceitos ali apresentados (são) muito caros a ambas as áreas do conhecimento, como o *duplo*, a *repetição* (ou *compulsão à repetição*) e o *complexo de castração*, além do próprio termo que dá título ao estudo. O texto tem destaque especial na teoria, na crítica e na historiografia literárias da ficção fantástica, em grande parte, por Freud ter lançado mão de um texto literário para exemplificar sua teoria sobre o *estranho*. O conto *O homem da areia*, do autor alemão Ernst Theodor Amadeus Hoffmann (1776 - 1822), publicado praticamente cem anos antes do texto de Freud, tem papel de destaque no ensaio do pai da Psicanálise.

Apesar da popularidade do texto freudiano, isso não quer dizer que a definição de tal conceito seja consensual entre os pesquisadores das áreas que o analisam, e isso se deve, dentre outros motivos, a uma incompatibilidade de tradução do termo *Unheimliche* para idiomas como o português, por exemplo, sendo que não há, na língua portuguesa, um termo correspondente direto para o significado da palavra em alemão. Surge desse processo de tradução uma multiplicidade de interpretações, cuja escolha terminológica dependerá de fatores particulares a cada pesquisa ou estudo. É essa clara definição acerca da terminologia da qual nos apropriamos no presente estudo que nos apressamos em esclarecer, sendo que, assim como ocorre em outras pesquisas onde a escolha terminológica implica significativas influências em toda a elaboração do texto, no presente trabalho também nos parece que isso seja algo bastante fundamental, fazendo com que nossa escolha da tradução de *Unheimliche* para “O Infamiliar” – em detrimento de traduções como “O Estranho” ou “O Inquietante” – se dê, em especial, por dois motivos, quais sejam: primeiro, porque a tradução da qual nos ocupamos é feita diretamente do alemão, e por isso cremos ser uma interpretação mais fiel ao que fora postulado por Freud ao longo de seu texto; e segundo, porque a noção de “infamiliar” carrega consigo uma relação direta com o seu oposto, ou seja, aquilo que nos é “familiar”, e isso pode ser aplicado diretamente ao estudo que ora nos depreendemos, uma vez que estamos analisando o aprendizado de uma segunda língua, no caso a espanhola, por

falantes adultos de língua portuguesa, ou seja, esses sujeitos partem de uma construção linguística que lhes é “familiar” (o português), para algo que lhes é “infamiliar” (o espanhol). É essa relação de oposição entre os dois termos que nos é bastante cara, e que não encontramos nas demais traduções do texto freudiano.

Em *Das Unheimliche*, Sigmund Freud inicia suas considerações aproximando-se do campo da estética, área na qual, segundo ele, o psicanalista apenas raramente se sente estimulado a investigar, “mesmo que ele não restrinja a estética à doutrina do belo, mas a descreva como a doutrina das qualidades do nosso sentir” (FREUD, 2019, p. 53). Caberia ao psicólogo, portanto, interessar-se pelas discussões oriundas desse campo, uma área de estudos ainda bastante negligenciada pela literatura especializada. É dentro desse domínio intelectual, então, que estão inseridas as discussões acerca do “infamiliar”. Ainda segundo Freud (2019, p. 53):

A esse respeito, nada encontramos nas meticulosas exposições da estética, as quais, em geral, ocupam-se de preferência dos sentimentos belos, grandiosos, atraentes, ou seja, dos sentimentos positivos, de suas condições e dos objetos que eles evocam, em vez dos contraditórios, repugnantes, penosos. Do ponto de vista da literatura médico-psicológica, conheço apenas um ensaio de Ernst Jentsch, rico em conteúdo, mas que não esgota o assunto. Em todo caso, devo confessar, por razões fáceis de adivinhar e ligadas à nossa época, que a bibliografia desta pequena contribuição, em especial aquela em língua estrangeira, não pode ser explorada com profundidade, de tal modo que a apresentamos ao leitor sem nenhuma reivindicação de prioridade.

O trecho supracitado deixa evidente os desafios em se estudar o conceito de “infamiliar”, especialmente porque, quando o estudo começou a ser pensado por Freud, o autor estava envolto nos acontecimentos do conturbado cenário político e social oriundo da Primeira Guerra Mundial (1914 - 1918). Certamente os acontecimentos do período, sobretudo no cenário europeu, acabaram por motivar Freud a finalizar e publicar seu texto um ano após o término da guerra.

Como se percebe, o grande questionamento de Freud está direcionado àquilo que é “infamiliar”, e a que este termo estaria relacionado:

Não há nenhuma dúvida de que ele diz respeito ao aterrorizante, ao que suscita angústia e horror, e, de todo modo, estamos seguros de que essa palavra nem sempre é utilizada num sentido rigoroso, de tal modo que, em geral, coincide com aquilo que angustia. Entretanto, pode-se esperar que exista um determinado núcleo, que justifique a utilização de uma palavra-conceito específica. Gostaríamos de saber o que é esse núcleo comum, que permite diferenciar, no interior do angustiante, algo “infamiliar” (FREUD, 2019, p. 53).

Para o autor, há duas perspectivas ou caminhos onde se pode encontrar uma possível explicação para a ocorrência do “infamiliar”, vejamos o que Freud (2019, p. 54) nos afirma:

Dessa maneira, podemos trilhar dois caminhos: investigar o que significou, durante o desenvolvimento da língua, a palavra “infamiliar” ou compilar o que em pessoas e

coisas, impressões sensíveis, vivências e situações desperta em nós o sentimento do infamiliar, e desbravar o seu caráter infamiliar encoberto a partir do que há de comum em todos os casos. Quero logo anunciar que ambos os caminhos conduzem, de fato, a um mesmo resultado, o de que o infamiliar é uma espécie do que é aterrorizante, que remete ao velho conhecido, há muito íntimo.

Segue-se a isso um estudo etimológico das palavras *heimlich* (familiar) e *unheimlich* (infamiliar). Freud postula, então, que a palavra alemã *unheimlich* (infamiliar) aponta diretamente para o seu oposto, *heimlich* (familiar), que designa algo que é doméstico, íntimo ao sujeito, sendo o *unheimlich* (infamiliar), portanto, a representação de algo que seria assustador porque não nos é conhecido e familiar. “*Infamiliar* seria tudo o que deveria permanecer em segredo, oculto, mas que veio à tona” (FREUD, 2019, p 58, grifo do autor). Vejamos como isso é construído por Freud em seu ensaio:

O que há de mais interessante para nós [...] é o fato de que a palavrinha “familiar” [*heimlich*], entre as diversas nuances no seu significado, também aponta coincidente com seu oposto “infamiliar” [*unheimlich*]. O familiar se torna então infamiliar. [...] De todo modo, lembremos que essa palavra *heimlich* não é clara, pois diz respeito a dois círculos de representações, os quais, sem serem opostos, são, de fato, alheios um ao outro, ao do que é confiável, confortável e ao do que é encoberto, o que permanece oculto. *Unheimlich* seria usualmente oposto apenas do primeiro significado, mas não do segundo. [...] Chamamos a atenção para uma observação de Schelling, que diz algo absolutamente novo a respeito do conteúdo do conceito de infamiliar, para o qual, certamente, nossa expectativa não estava preparada. Infamiliar seria tudo o que deveria permanecer em segredo, oculto, mas que veio à tona (FREUD, 2019, p. 57-58).

A ambivalência existente na interpretação de ambos os termos não impede Sigmund Freud de lançar luz sobre tais conceitos e, na sequência de seu ensaio, buscar compreender esses termos na concretude do texto literário, especialmente voltando-se à análise do conto *O homem da areia*, de Hoffmann. Para a presente pesquisa, no entanto, interessa-nos muito mais as contribuições freudianas tecidas até o momento, para que possamos aplicá-las, na seção subsequente, no estudo do aprendizado de língua espanhola enquanto segunda língua por adultos.

O próprio texto freudiano nos possibilita aproximar suas postulações com o estudo da língua, uma vez que, de acordo com o autor, o uso de uma língua – e aqui podemos pensar o mesmo com relação ao uso de uma língua estrangeira –, permitiu que o familiar deslizasse para seu oposto, o infamiliar, uma vez que esse infamiliar nada tem de novo ou de estranho, mas é algo íntimo à vida anímica desde muito tempo e que foi afastado pelo processo de recalçamento, ou seja, o infamiliar seria aquilo que deveria permanecer oculto, mas que veio à tona, conforme afirmamos anteriormente (FREUD, 2019, p. 72). Nesse mesmo sentido, De Nardi. (2008, p. 09) afirma:

[...] ao entrarmos em contato com uma língua estrangeira, somos postos diante do impossível de dizer que habita a língua, o seu real. O deslocamento entre língua e realidade, quase impensável quando estamos imersos na língua materna, materializa-se ao entrarmos em contato com a língua do outro, que deixa à mostra a opacidade de toda a língua: o não idêntico se faz ver na língua do outro.

Há, portanto, nesse processo de contato e aprendizado da língua do outro, uma clara noção de infamiliaridade e estranhamento, que nos coloca diretamente em conflito conosco e com a própria língua materna, até então bastante familiar. Para Revuz (1998, p. 215), “esse estar-já-aí da primeira língua é um dado ineludível, mas essa língua é tão onipresente na vida do sujeito, que se tem o sentimento de jamais tê-la aprendido, e o encontro com uma outra língua aparece, efetivamente, como uma experiência totalmente nova”. Para De Nardi (2009, p. 184):

A sensação de acolhimento, de pertencimento que sentimos em relação à língua materna, de certo modo, rompe-se nesse encontro com a língua estrangeira, que nos faz experimentar o real enquanto impossibilidade de dizer, de simbolizar. Há uma interdição nesse espaço da “novidade” que [...] não está no encontro com o fenômeno linguístico como tal, mas nas modalidades desse encontro”. O estranhamento que esse encontro com outra língua provoca é da ordem do duplo e, portanto, propicia o “ver-se de fora”, [...] como se fôssemos chamados a (re)encontrar a nossa própria língua, questionar a irrefletida propriedade que sobre ela exercemos.

Ainda de acordo com De Nardi (2009), ao assumir a posição de aprendiz de uma língua estrangeira, o sujeito se constitui, portanto, como um ser *entre*, que oscila entre o espaço do materno e o do estrangeiro, e estar nesse espaço intervalar permite que modifiquemos nosso olhar e nosso sentimento em relação à língua materna, porque entramos em contato com a diferença entre os universos fonéticos e entre as maneiras de constituir as significações. Trata-se de um retorno a um não saber para jogar com o novo, ao mesmo tempo fascinante e assustador, porque esse encontro com a língua do outro traz o impensável descolamento entre língua e realidade, a materialização da opacidade da língua, concretizada na impossibilidade da tradução perfeita, do dizer do mesmo modo, da mesma significação. Somos obrigados, assim, a levar em conta essa porção indizível que a língua representa.

Nas seções subseqüentes, conforme já mencionado, teceremos considerações acerca do processo de aquisição de uma língua estrangeira à luz de seus elementos culturais e psicolinguísticos, para que depois possamos abordar como essas questões se refletem no aprendizado concreto de uma língua estrangeira, em especial tomando como base o aprendizado de língua espanhola por sujeitos adultos. O Espanhol nos oferecem em comparação com o português brasileiro, a relação desse indivíduo com os falsos cognatos

que, conforme entendemos, são representantes claros dessa sensação de infamiliaridade postulada pelo texto freudiano.

Processo de aquisição de uma língua estrangeira: elementos culturais e psicolinguísticos

A aprendizagem de línguas estrangeiras é um assunto recorrente e que interessa deveras professores, pesquisadores e investigadores das áreas da linguagem. Mas, precisamente para discutirmos ensino e aprendizagem de um novo idioma, precisamos definir e conceituar o entendimento de língua estrangeira (LE) e segunda língua (L2) neste estudo.

Nesse sentido, para melhor estabelecermos relação com o estudo, adotamos a definição de Leffa (1988) para língua estrangeira, uma vez que para o autor a LE é a língua aprendida em um país no qual a língua não é oficialmente utilizada. Como neste estudo, adotamos LE e L2 como sinônimos, vamos utilizar o conceito de Leffa para estabelecer o mesmo sentido para a aprendizagem de L2⁶.

Tendo estabelecido o sentido para nossa investigação sobre LE e L2, precisamos referendar que a aprendizagem de uma LE vai além da dimensão linguística, pois em se tratando de um idioma diferente, mesmo que com alguma proximidade, mas uma língua diferente da língua Materna (LM), é preciso admitir que os estranhamentos⁷ comecem a aparecer.

Dessa maneira, necessitamos revisitar a questão cultural que está imbricada no processo de aprendizagem de uma LE, pois ao se aprender uma língua, se aprende a cultura daquele idioma, se trabalha com elementos identitários da cultura, da comunidade dos falantes da segunda língua. Neste momento, é possível asseverar que há um primeiro estranhamento ou infamiliaridade (FREUD, 2019) dos sujeitos aprendentes, pois pode existir um conflito e uma não aceitação da cultura do outro.

Ao pensarmos e refletirmos que ao se adquirir uma L2 também adquirimos a cultura da língua, é importante salientarmos que o cultural aprendido em todo esse processo histórico, social, a partir de elementos complexos que relacionam a geração de conhecimento às crenças, às leis, aos comportamentos, aos hábitos da comunidade, através da interação linguística (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999; LARAIA, 1989).

⁶ Importante ressaltar que Leffa (1988) diferencia os conceitos de língua estrangeira e de segunda língua.

⁷ Neste momento, o estranhamento utilizado não faz referência ao “estranhamento” utilizado pelas ideias de Freud para a aprendizagem, mas sim pelo fato de ser algo diferente do que se está acostumado viver e conviver diariamente relacionado à língua.

Conforme Kraviski e Bergmann (2006), ao se desenvolver a aprendizagem de uma LE não significa que aconteça a transmissão ou a aquisição das estruturas linguísticas, gramaticais ou lexicais, mas é necessário que se compreendam e se assimilem as normas básicas de uma língua, sejam elas mediadas pelos contextos culturais ou interacionais nas quais estão inseridas. Pois, adquirir uma língua também é aprender e entender a cultura como um sistema, dentro deste conjunto de processos sociais, dinâmicos, uma vez que as estruturas linguísticas são construídas a partir de atividades e variáveis que surgem na comunidade (MOTTA-ROTH, 2011)

Quando refletimos sobre processos sociais imbricados na aquisição da linguagem, logo lembramos de Vygotsky (2005), uma vez que o referido autor discute a existência de uma intrínseca relação entre o papel da linguagem e o desenvolvimento humano e cogita que a aquisição de novos conhecimentos se dá pela interação entre os sujeitos o ambiente no qual estão inseridos. Para Vygotsky não há aprendizagem nem desenvolvimento da linguagem sem relação “intra” e interpessoal, sem um processo de troca.

Assim, podemos pensar, em que nível de conhecimento essa troca pode acontecer? Podemos ter troca de conhecimento ou aquisição de conhecimento em vários níveis linguísticos, estruturais, gramaticais e léxicos? Nesse sentido, este estudo se encarrega de discutir um pouco esse processo de aquisição lexical no espanhol e como o processo de estranhamento e de um sentimento infamiliar pode se fazer presente justamente pelas proximidades das línguas estrangeira e materna.

Ao voltarmos o foco para a aprendizagem de uma língua estrangeira, no caso o espanhol, mais próxima da nossa língua materna, o português, precisamos concordar com Leffa e Irala (2012) ao apregoarem que ensinar e aprender espanhol é diferente de ensinar e adquirir outro idioma estrangeiro, como o inglês por exemplo; ensinar espanhol em regiões de fronteira também é diferente de ensinar espanhol no centro do país, ou seja, ensinar ou adquirir uma nova língua é complexo e envolve muitos fatores e variáveis.

Dessa forma, percebemos e corroboramos com a ideia de Vian Jr (2012, p. 8), ao explicar que “aprender uma língua estrangeira não significa simplesmente aprender o vocabulário ou a gramática da língua. Existe um aspecto crucial envolvido no processo comunicativo, relacionando tanto aspectos individuais como aspectos transacionais”.

Quando refletimos sobre esses aspectos transacionais, devemos levar em consideração a desacomodação do sujeito, principalmente no momento do diferente, do que é usual, escrito

ou falado, em sua língua materna, mas que passa a apresentar sentido totalmente diferente na L2.

Nesse sentido, focamos nosso olhar para um processo de aprendizagem lexical, como já dito anteriormente, mas para tentarmos focalizar essa aquisição precisamos discutir alguns elementos centrais da aprendizagem, de que maneira a mente influencia na aquisição? Assim como Vygotsky (2005) elucida que a aprendizagem acontece em momento de interação com o meio, com o contexto, outros autores vão levar em consideração somente aspectos mentais para a aquisição, como acontece com o teórico Chomsky (ELLIOT, 1981).

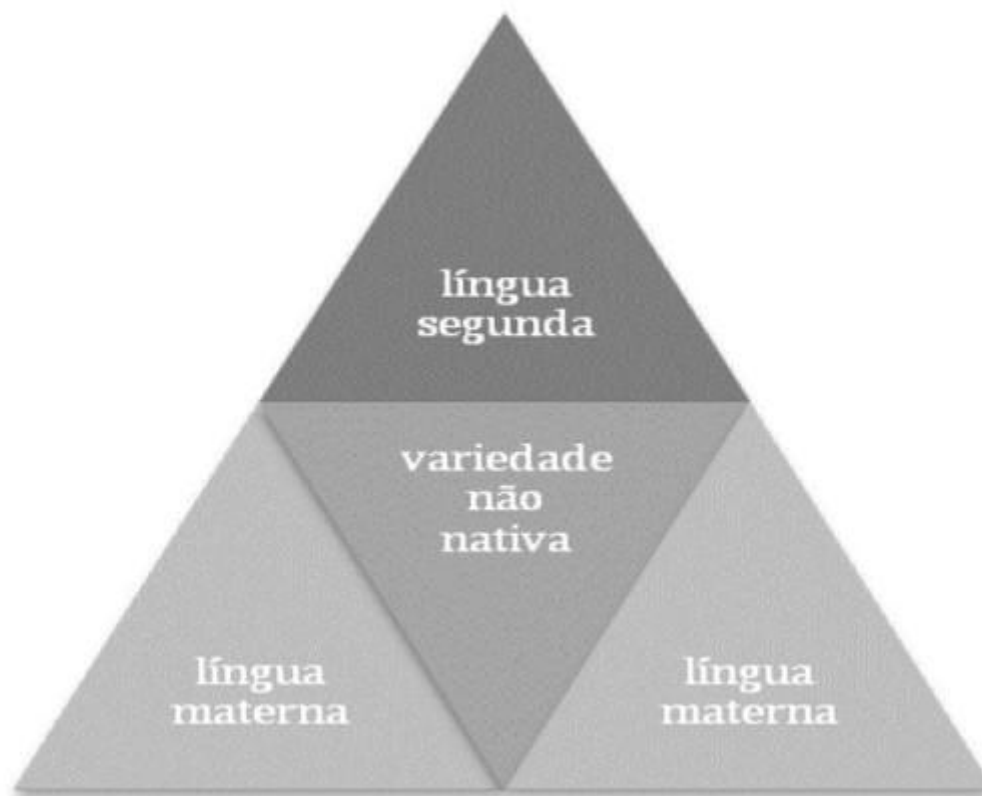
Para Chomsky a aquisição de um novo idioma é inata, ou seja, a capacidade de aprender uma língua está separada de outras aptidões de aprendizagem (ELLIOT, 1981), em outras palavras, todo indivíduo nasce com a capacidade inata de aprender a língua do país, do lugar em que está inserido. Segundo Elliot (1981), para Chomsky a língua é sistêmica, submissa de estruturas que dependem umas das outras e que não funcionam isoladamente.

Mas ao pensarmos sobre isso precisamos refletir sobre alguns aspectos importantes durante o processo de aquisição, ou seja, devemos levar em consideração somente o mental para a aprendizagem ou devemos levar em consideração o cultural e o social, ou ainda, o processo de estranhamento infamiliar na aprendizagem de uma LE se dá em nível mental somente. Todas essas características precisam ser levadas em consideração na hora de estudarmos a fundo e relacionar o que Freud entende por estranhamento e como pode estar relacionado com a aprendizagem de uma segunda língua.

Sabemos que ao aprender uma língua estrangeira o adulto passa por algumas questões biológicas e mentais mais específicas como aquisição da linguagem por uma criança ou um adolescente. Como exemplo podemos trazer os fatores biológicos que influenciam na aquisição de um novo idioma, isto é, alguns autores acreditam que há um período crítico para a aquisição da linguagem, período que compreende entre 18 meses e o início da puberdade (LENNENBERG, 1969). Melhor explicando, espera-se que se a apropriação da linguagem ocorrer neste período será considerada normal, porém, se acontecer fora dele, será muito difícil a aprendizagem. Porém, como neste estudo, nos deteremos na aquisição de uma L2 por adultos, não levaremos em consideração os fatores biológicos para a aprendizagem.

Ao relacionarmos os fatores biológicos e mentais ao estranhamento condicionado por Freud (2019) na aprendizagem de um novo idioma, podemos estabelecer uma associação comparativa com a figura abaixo:

Figura 1: Aprendizado de língua adicional.



Fonte: NEVES, Ana Cristina - Língua adicional: contextos e contínua 11 - 37, 2012).

Nossa língua materna está na base da pirâmide e ao aprendermos uma língua estrangeira, isto é, uma nova variedade de língua não nativa, estaremos, justamente, no momento em que poderá acontecer o "estranhamento" infamiliar proposto por Freud (2019), uma vez que tudo que é infamiliar, diferente, no novo idioma, mas que ao mesmo tempo se parece com a língua materna, pode ocasionar um estranhamento e dificuldade de reconhecimento, trazendo dúvidas e incertezas ao novo aprendiz. Somente em nível de exemplo, podemos trazer a palavra “escoba” em espanhol, já que um aprendiz ao escutar a primeira vez pode entender como “escova” em português, uma vez que existe a palavra na língua nativa e muito usada diariamente. Até que aconteça o reconhecimento e o entendimento de seu uso, pode ocasionar uma dúvida justamente no aspecto “infamiliar”, pois o sentido será totalmente diferente do esperado, pois em espanhol uma “escoba” serve para varrer, limpar um ambiente e, em português, o infamiliar seria o uso de “escova” para pentear cabelos.

Na próxima seção, iremos abordar como essas questões lexicais são compreendidas na visão da infamiliaridade de Freud (2019), levando em consideração também alguns aspectos relacionados à aprendizagem de língua estrangeira.

O infamiliar no aprendizado de língua espanhola: alguns exemplos

Enquanto, nas seções anteriores, descrevemos o conceito de *Unheimliche* (Infamiliar) proposto por Sigmund Freud, atentando para como ele pode ser aplicado em estudos linguísticos e literários, e também tecemos considerações acerca do processo de aquisição de uma língua estrangeira à luz de seus elementos culturais e psicolinguísticos, voltamo-nos, na presente seção, a uma breve análise de exemplos oriundos da língua espanhola que cremos servir para elucidar essa noção de infamiliaridade da qual tratamos até aqui.

Durante o processo de aquisição de uma LE, o indivíduo é involuntariamente direcionado a fazer relações entre o seu sistema linguístico de origem, ou seja, a sua língua materna, com o sistema da L2. Esse processo, nas relações entre a língua portuguesa e o Espanhol, por exemplo, tende a se mostrar, *a priori*, um artifício bastante benéfico, dada a notável semelhança e proximidade entre as estruturas básicas dos dois idiomas. O que faz o aprendente de LE é, em suma, transpor e aplicar à essa nova língua, aparentemente infamiliar e estranha, a mesma significação e estrutura da língua materna, que lhe é familiar, doméstica, íntima, que lhe transmite segurança.

No entanto, um conflito se instaura à medida em que, ao fazer esse processo de aplicar à língua espanhola a mesma lógica que fundamenta o seu aprendizado do Português, o sujeito é exposto ao erro, ou à incompatibilidade inerente ao real significado de tais signos linguísticos. Dessa atividade resultam signos que o aprendiz de LE, por um processo de associação, julga significar algo, quando na verdade significam algo completamente diferente da suposição feita por ele ao acionar os conhecimentos prévios da língua materna.

A esse fenômeno ligam-se expressões da língua espanhola como “apellido”, palavra na qual o aprendente de Espanhol, se associar ao português brasileiro, chegará à possível conclusão de que tal termo assemelha-se à “apelido”, expressão que denota um cognome ou alcunha, uma espécie de qualificação individualizadora que aponta determinada característica peculiar de alguém ou de algo. Se assim o fizer, o aprendente de L2 estará equivocado, uma vez que a palavra “apellido”, na língua espanhola, significa “sobrenome”, ou seja, um significado bem diferente do que fora imaginado pelo sujeito em sua associação enganosa.

Há, nesse processo, a ocorrência daquilo que denominamos por infamiliar, aos moldes do proposto por Sigmund Freud e que discutimos detalhadamente nas seções anteriores. A involuntária associação feita pelo aprendiz de LE conserva algo de cognoscível e familiar (*Heimlich*), ao mesmo tempo em que, ao ponto em que o sujeito se dá conta do equívoco que ali se instaurou, o real significado da palavra em língua espanhola mostra-se algo totalmente

novo, inquietante e infamiliar (*Unheimliche*). Neste momento o aprendiz se dá conta de que o léxico novo provoca um sentimento novo, desacomodador, importante para que se chegue ao entendimento necessário para que se desbrave justamente esse caráter “infamiliar” e passe a fazer sentido no seu momento de uso. (FREUD, 2019, p. 54)

Outras palavras mostram-se como exemplos concretos desse processo, a exemplo do termo “oficina” que, na língua espanhola, significa “escritório”, enquanto que no português brasileiro designa o lugar onde se elabora, fabrica ou conserta algo; a palavra “rato”, em Espanhol, comumente utilizada em frases como: *Voy a nadar un rato* (Vou nadar um pouco), significa “um momento/pouco”, enquanto que, na língua portuguesa, o mesmo termo faz referência ao mamífero roedor; o mesmo ocorre com a palavra “aceite” que, na língua espanhola refere-se a “óleo/azeite”, enquanto que a sua tradução literal para a língua portuguesa faz alusão ao “ato de aceitar algo”.

Os exemplos supracitados são os mais comuns, e é também neles que essa noção de infamiliaridade no contato com a língua do outro se mostra de maneira mais evidente e contrastante, pois é justamente neste momento que compreendemos que para que se assimilem noções básicas de uma língua é necessário entender os aspectos culturais e interacionais que estão inseridos, pois serão necessários os entendimentos daquele contexto e daquela comunidade no qual a língua e o léxico estão inseridos para que, assim, passe a fazer sentido no momento de uso (MOTTA-ROTH, 2011).

Mas, temos ainda exemplos menos habituais onde esse estranhamento também ocorre, como é o caso de palavras como “embarazada”, que em Espanhol significa “grávida”, enquanto que em Português pode-se facilmente associar à expressão “embaraçada”, que significa “envergonhada”; “cerca”, em Espanhol, significa “perto/próximo”, enquanto que em Português quer dizer “cerca/divisória”; a palavra “exquisito”, na língua espanhola, remete a algo “delicioso” ou “requintado”, e muito embora não exista com essa grafia na língua portuguesa, pode-se erroneamente associá-la a “esquisito” que, no contexto brasileiro, possui um sentido negativo ou pejorativo, diretamente oposto do significado em língua espanhola; o processo inverso ocorre com a palavra “bizarro”, que em Português remete a algo “estranho” ou “excêntrico”, enquanto que seu significado em Espanhol diz respeito a alguém que é “corajoso” ou “ousado”.

Como se percebe, os exemplos que poderíamos citar aqui são múltiplos e infundáveis, e não é nosso intuito nos tornarmos exaustivos na análise dessas expressões. Gostaríamos, no entanto, de evidenciar de modo bastante claro que há, entre os termos citados, uma implícita

sensação de estranhamento e infamiliaridade, tal qual a apontada por Sigmund Freud (2019), e que esse aspecto influencia diretamente na relação do sujeito com as mais diversas materialidades linguísticas, especialmente quando há um deslocamento da língua materna em direção ao aprendizado de uma língua estrangeira, como é o caso do Espanhol.

O fato é que gostaríamos de chamar a atenção para alguns aspectos importante no momento da aquisição do léxico em uma LE, no caso deste artigo, para o vocabulário dos falsos cognatos em espanhol, uma vez que assim como o momento da aprendizagem do novo idioma irá acontecer o estranhamento, o infamiliar (FREUD, 2019), através do processo mental, justamente pela proximidade das línguas, momento em que, então, será preciso levar em consideração os aspectos culturais e sociais que naquele momento se fazem presentes (LEFFA, 1988).

A seguir, apresentamos as considerações finais do estudo.

Considerações finais

Conforme afirmado no último parágrafo da seção anterior, a análise que ora nos propomos poderia se alongar demasiadamente, considerando a quantidade múltipla e variada de expressões que se encaixariam na leitura interpretativa deste artigo. Se não é nosso intuito nos lançarmos nessa fastidiosa tarefa, tampouco buscamos esgotar as discussões acerca da temática geral abordada nesta pesquisa.

Antes disso, gostaríamos apenas de afirmar o que se depreende diante do que fora exposto até o momento: a teoria acerca do Infamiliar proposta por Sigmund Freud (2019) em seu ensaio, além de pertinente aos estudos linguísticos e literários em geral, também mostra-se aplicável aos estudos de Linguística Aplicada, em especial, neste caso, ao contemplar o aprendizado de língua espanhola por indivíduos adultos e a consequente sensação de infamiliaridade sentida por eles ao entrarem em contato com a L2.

Além disso, percebe-se que, ao tomarmos como base o que fora exposto nas seções anteriores, podemos entender que as expressões analisadas causam uma noção de infamiliaridade nesses indivíduos aprendentes de uma LE por dois motivos principais, quais sejam: porque esses aprendentes associam o termo aprendido na LE a algo próximo ao português, e isso parece ocorrer com a finalidade de que a sensação de infamiliaridade ou estranhamento seja, ao menos em um primeiro momento, atenuada. Em outras palavras: o indivíduo busca o conforto das construções linguísticas familiares como uma forma de amenizar o desconforto e o estranhamento do contato com a infamiliaridade da língua do outro; e disso se segue o segundo motivo, uma vez que aquilo que lhes parece infamiliar na

LE, não necessariamente encontra, na língua portuguesa, um sentido correspondente direto e fiel. Nesse processo, não ocorre, ao aprendente dessa LE, que a palavra pode estar relacionada a outro significado que não àquele já previamente conhecido e familiar, oriundo de sua língua materna. Essa situação se apresenta, portanto, como um fenômeno puramente psicolinguístico, uma vez que, conforme já afirmado, em se tratando de um idioma distinto da língua materna, apesar de encontrar-se com facilidade alguma proximidade entre os dois idiomas, a infamiliaridade – em um nível ou outro –, é inevitável, sendo preciso que se admita tal estranhamento enquanto parte integrante desse processo de aprendizagem.

Referências

- BOÉSSIO, C. P. D. *A transferência indevida do infinitivo flexionado no ensino do espanhol para brasileiros*. 2003. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, RS, 2003. 96p.
- COSTA, G. V. M. *O uso do presente do modo subjuntivo em língua espanhola: contribuição para aprendizes brasileiros*. 2004. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, RS, 2004. 122p.
- DEKEYSER, R. *Implicit and explicit learning*. In: DOUGHTY, C. J.; LONG, M. H. (Ed). *The handbook of second language acquisition*. Oxford, Massachusetts e Victoria: Blackwell. Publishing, 2003, p.313-348.
- DE NARDI, F. S. A estranha relação do sujeito com a língua materna: algumas reflexões sobre língua e identidade. In: MITTMANN, S., GRIGOLETTO, E., CAZARIN, E., A. (Orgs). *Práticas discursivas e identitárias*. Ensaios PPG Letras UFRGS. Porto Alegre: Nova Prova Editora, 2008. p. 124-136.
- DE NARDI, F. S. Entre a rejeição e o acolhimento na língua do outro. *Desenredo* - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo - v. 5 - n. 2 - p. 182-193 - jul./dez. 2009. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/1251/764>. Acesso em: 26 maio 2023.
- DUTRA, E. de O. *Os efeitos da Instrução com Foco na Forma na aprendizagem dos clíticos de 3ª-pessoas do espanhol por universitários brasileiros*. Tese de Doutorado em Linguística Aplicada –Unisinos, São Leopoldo/RS, 2015.
- ELLIOT, A. J. *A linguagem da criança*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- FREUD, S. O infamiliar [Das Unheimliche]. São Paulo: Autêntica Editora, 2019. 288p.
- HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. *Construing Experience through Meaning: a language-based approach to cognition*. London/Nova York: Continuum, 1999.
- LARAIA, R. de B. *Cultura, um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.
- LEFFA, V. J. Metodologia do ensino de línguas. In: BOHN, H.; VANDRESEN, P. (Orgs.). *Tópicos de linguística aplicada: o ensino de línguas estrangeiras*. Florianópolis: UFSC, 1988, p. 211-236.
- LEFFA, V. J.; IRALA, V. B. O vídeo e a construção da solidariedade na aprendizagem da LE. In: SCHEYERL, D.; SIQUEIRA S. (Orgs.). *Materiais didáticos para o ensino de línguas na contemporaneidade: contestações e proposições*. Salvador: EDUFBA, 2012, p. 83-108.
- LENNENBERG, E. *Biological Foundations of Language*. New York: Wiley, 1969.

- MORAES, G.B. de. *A aprendizagem do presente do subjuntivo do espanhol por alunos brasileiros: um estudo com foco na forma*. Tese de Doutorado em Linguística Aplicada. Unisinos, São Leopoldo, 2014.
- MOTTA-ROTH, D. Questões de Metodologia em análise de Gêneros. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Orgs.) *Gêneros Textuais: Reflexões e ensino*. São Paulo: Parábola, 2011, p. 154-173.
- NEVES, A, C. Língua Adicional: contextos e contínua. *Polissemia*, v. 12, p. 11-37, 2012. Disponível em: <https://parc.ipp.pt/index.php/Polissema/article/view/3066>. Acesso em: 27 maio 2023.
- PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.
- SOARES, L. A. Das Unheimliche ou “O Estranho”, De Freud. *Abusões*, v. 10, n. 10, 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/abusoes/article/view/42193>. Acesso em: 25 maio 2023.
- VIAN JR., O. *Língua e Cultura Inglesa*. Curitiba: IESDE, 2012.
- VILLALBA, T. K. B. *Pepe vio que no tiene jeito, su mujer es así mismo: as delicadas relações lexicais entre a L1 e a L2 na aquisição de español por universitarios brasileiros*. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). UFRGS. Porto Alegre, RS, 2002. 224p.
- VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e Linguagem*. Tradução de Jefferson Luis Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

Recebido em: 29/05/2023; **Aceito em:** 16/09/2023.